



O FUTURO DAS PESQUISAS ACADÊMICAS: FONTES DIGITAIS, HISTORIOGRAFIAS NAS MÍDIAS E O PASSADO NAS REDES

The future of academic research: digital sources, historiographies in media and the past on networks

El futuro de las buscas académicas: fuentes digitales, historiografías en medios de comunicación y el pasado en redes

Ana Maria da Cunha Rosado¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar diferentes facetas do meio digital para pesquisas acadêmicas, com enfoque na área de pesquisa histórica e social. Uma vez que as mídias digitais despontam como um novo modelo de fonte para pesquisadores em geral e uma forma de preservar acervos, patrimônios e memórias de diferentes pessoas e/ou grupos sociais; surgindo como um meio mais democrático para compartilhamento de histórias e acesso à informação. Contudo além das facilidades que proporciona existem as problemáticas que envolvem o uso das fontes digitais na pesquisa; a exemplo pode-se citar: a questão dos direitos de uso, imagem e propriedade intelectual do material; as formas de citação, de uso de dados dentro das normas de pesquisa e “como saber se determinada fonte é confiável?”.

Palavras-chave: História. Fontes digitais. Memória.

Abstract: This paper aims to present different aspects of the digital way for academic research, focusing on the area of historical and social research. Digital media are emerging as a new source model for researchers in general and a way to preserve collections, heritage and memories of different people and/or social groups, arising as a more democratic environment for sharing stories and access to information. However, in addition to the facilities it provides, there are problems involving the use of digital sources in research; for instance, one can mention: the question of copyright, image and intellectual property rights of the material; the forms of citation and use of data within the research standards and "how to know if a particular source is trusted?".

Keywords: History. Digital Sources. Memory.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo presentar diferentes facetas del medio digital en la investigación académica, centrándose en la área de la investigación histórica y social. Una vez que los medios digitales surgen como un nuevo modelo de fuente a los investigadores en general y una forma de preservación de las colecciones, el patrimonio y la memoria de diferentes

¹ Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Doutoranda na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo - SP, Brasil. E-mail: anam.rosado@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7733197842013753>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6811-5088>

personas o grupos sociales; surgiendo como un medio más democrático de compartir historias y acceder a la información. Sin embargo además de las facilidades que brinda, existen problemas relacionados con el uso de las fuentes digitales en la investigación; el ejemplo podemos citar: la cuestión de los derechos de uso, imagen y propiedad intelectual del material; las formas de las citación y uso de datos dentro de las normas de investigación y “¿ como saber si una fuente dada es confiable?”.

Palabras Clave: Historia. Fuentes Digitales. Memoria.

Introdução

O presente artigo visa demonstrar como as pesquisas digitais estão cada dia mais presentes no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, por vezes substituindo os trabalhos de campo (como visitas a lugares referidos nos trabalhos, arquivos físicos e visitas a museus). Se por um lado existe a “facilidade” por outros existem as problemáticas e para além disso, o meio digital representa um novo “local” de pesquisa, uma vez que relações complexas ocorrem nesse meio e constituem parte da sociedade e do cotidiano que estão em constante e acelerada mudança.

O foco são as pesquisas na área de história, no qual visa-se debater até que ponto os meios digitais são de fato acessíveis e se preservam o passado e as histórias, bem como a relação entre pesquisador e comunidade uma vez que as mídias digitais passam a compor essa relação. O objetivo central é debater sobre o uso das fontes digitais na pesquisa, suas problemáticas e pontos positivos (tanto para pesquisador, quanto para comunidade em geral) e como essas novas fontes marcam as pesquisas nos presentes dias.

O município de São José dos Campos (SJC), localizado no interior do estado de São Paulo (SP), surge com frequência como exemplo nesse trabalho por ser local de estudo e pesquisa da autora e por seu destaque como primeira cidade certificada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) como “Cidade Inteligente” no Brasil, assim possuindo forte relação com a tecnologia, inovação e uso dos meios digitais em seu cotidiano e até mesmo identidade local (reforçada em suas propagandas e projetos).

Para pesquisadores e estudantes as tecnologias auxiliam nas descobertas, na preservação, na divulgação de dados e obtenção dos mesmos, sendo importante instrumento para compor trabalhos. Noiret (2015) diz que as mudanças digitais na sociedade (chamada virada digital) reformulam a documentação, a forma de trabalho, armazenamento, tratamento e acesso à informação, para o autor essas transformações afetam os registros escritos da história e a relação entre os historiadores e público.

A presença do meio digital nas pesquisas já era amplamente debatida e usada, contudo ganha força, destaque e se reinventa entre os anos de 2020 e 2021, quando o mundo se viu passando pelo isolamento social devido a pandemia provocada pelo Coronavírus (chamado popularmente COVID -19). Sem poder sair de casa para aulas, trabalhos de campo e visita a bibliotecas e acervos documentais físicos, os pesquisadores se viram obrigados a recorrer as redes e mídias *online* para compor suas pesquisas, sendo essas muitas vezes a única forma de coleta de dados.

Desta forma o presente trabalho tem bases no meio digital e apresentar exemplos pessoais da autora de uso das tecnologias e das mídias na composição das pesquisas acadêmicas, mas também mostrar que as visitas de campo e acervos físicos tem seu valor e não podem ser esquecidos pelo pesquisador.

Metodologia e referencial teórico

As metodologias usadas visam apresentar e introduzir o leitor a questão das pesquisas digitais, com enfoque na área de história, usando de experiências pessoais da autora com uso de diferentes mídias de pesquisa e acervos físicos e digitais, compreendendo o período de 2018 a 2023 mostrando que muitas vezes o acesso somente ao acervo digital não é suficiente para compor um trabalho. O texto também conta com referencial teórico com autores das áreas trabalhadas como história, tecnologia, mídias digitais, globalização e informação; e com pesquisas em redes sociais e fontes *online* que ajudam a compor as fontes de pesquisas e obtenção de dados e informações.

Alguns autores citados são: Pesavento (2014) para fontes e ofício do historiador, Hobsbawm (1995) para mudanças na sociedade através da história e aceleração das mudanças, Halbwachs (2006) para debates sobre memória e Milton Santos para falar sobre globalização, tecnologia e aceleradas mudanças sociais. Além de usar como ferramentas de pesquisa e coleta de dados *sites* de acervos como Pró Memória, São José Antigamente, Museu do Esporte de São José dos Campos e artigos *online* entre os já referidos anos.

Discussão

As redes e as mídias online trouxeram uma nova perspectiva, não só no cotidiano e relações sociais, mas também na forma de trabalhar, produzir e pensar da sociedade; a forma de desenvolver pesquisas nas mais diversas áreas também se vê cada dia mais marcada pela

presença digital. Mas antes de debater sobre o papel das mídias nas pesquisas, precisamos falar sobre como a sociedade se vê pautada pela presença constante do meio digital e como este está presente do nascimento a morte do homem no século XXI.

Traçando um paralelo, se antigamente (principalmente no período colonial brasileiro de 1530-1822) o cotidiano social e a vida eram marcados pela Igreja Católica hoje as redes sociais cumprem um papel parecido; segundo Fausto (2006) a igreja estava presente no nascimento através do batismo, na formação de famílias pelo casamento e na morte com a extrema-unção, também eram as igrejas que possuíam arquivos documentais que iam desde os já citados dogmas até testamentos, heranças, documentos oficiais das cidades e municípios, formando acervos que até hoje constituem importante pontos de pesquisa. Também eram nas missas que informações eram passadas e ocorriam trocas sociais de opiniões e debates.

Se hoje muitos desses processos ainda são realizados pelas igrejas, muitas dessas funções estão também nas redes, ao nascer os pais já criam um perfil onde vão compartilhando memórias através de fotos, textos e vídeos já inserindo a criança no ambiente digital antes mesmo que ela abra os olhos; ao casar as fotos também estão na mídia e as redes sociais passam a funcionar como um “álbum de recordações” e até espaço de socialização e compartilhamento de opiniões e informações (em grande parte pelos jovens, mas sendo instrumento para diversas gerações).

Por fim, as redes também estão presentes na morte, muitos perfis em redes sociais continuam existindo mesmo após o falecimento de seu criador como forma de memorial (*in memoriam*), com elementos de sua vida ali preservados em um acervo particular; as redes criam verdadeiros “cemitérios digitais”, espaços em que é possível prestar uma homenagem ou relembrar a pessoa sem necessariamente ir até seu túmulo.

Os documentos também passam a estar nas redes, além dos já citados acervos pessoais que contam a história do indivíduo nas mídias, também existem os acervos digitais que guardam documentos de cidades, municípios e países; e até os documentos das próprias igrejas (como exemplo o acervo da Cúria de Aparecida que possui um acervo físico referente a documentos do município de Guaratinguetá e da formação e cotidiano do município de Aparecida, mas que durante a já citada pandemia que assolou o mundo em 2020, forneceu a autora do presente artigo dados do acervo e imagens de forma digital (através de e-mail).

Assim as redes sociais passam a compor novo espaço de histórias e trocas sociais, bem como novo instrumento de pesquisa e de acervo de documentos, sendo possível assim como

através dos acervos da igreja acessar histórias de cidades e famílias nas redes e nas mais diferentes mídias digitais. Mas se deve considerar alguns pontos e diferenciais entre eles: se antes a história estava nas mãos de uma única instituição ou de classes dominantes no cenário social, hoje cada indivíduo tem, pelo menos, a chance de compartilhar seu ponto de vista e sua história nas redes; se antes o contingente de informações era limitado e estava a cargo do uso de papel, tinta, máquinas de registro fotográfico além do tempo que se levava ao publicar um jornal e escrever uma carta (devido as distâncias físicas para transpor localidades), hoje o acesso a informação beiram o ilimitado e se espalham em velocidade absurda na sociedade, estando literalmente na palma da mão através dos aparelhos celulares em qualquer lugar do mundo.

Esses novos instrumentos de pesquisa e velocidade informacional trazem vantagens, mas também problemáticas, com as quais os pesquisadores ainda estão aprendendo a lidar e a usar; Milton Santos discorre sobre o fenômeno da globalização, como a informação passa a circular em questão de minutos e o acesso a mesma define escalas de poder na sociedade que se moderniza rapidamente para se adaptar as mudanças.

Segundo Santos (2008), detém poder quem detém informação, se antes as informações chegavam de forma lenta, demorada, eram detidas por figuras importantes e tinham os limites territoriais como empecilho; hoje, com o avanço das tecnologias e com a globalização (descrita por ele como acelerada e perversa) as informações correm o mundo em velocidade, chegando a diversas partes do globo e diversas camadas sociais.

Hobsbawm (1995) também fala sobre a globalização e os avanços tecnológicos, o autor reforça os avanços que ocorrem ao longo do século XX, chamado por ele de “O Breve Século XX”; para ambos os autores as mudanças têm impactos mundial afetando economias, sociedades e relações trazendo novas formas de pensar as relações sociais e até mesmo a história.

Se para informação, meios de produção e relações sociais as mídias digitais já se fazem presentes no cotidiano e ocupam lugar de destaque na sociedade, principalmente no decorrer do século XXI, devemos pensar também as mídias no contexto da história, e da historiografia. Pesavento (2014) discorre sobre as mudanças culturais e o desenvolvimento das ciências humanas ao longo da história, e destaca que em determinado período era atribuído especificamente ao historiador o ofício de trato com as fontes e pesquisa em arquivos; sendo assim seria papel do historiador antever mudanças sociais e não só observar modos de vida e valores, mas também compreender a construção das culturas.

A autora ainda ressalta que a pesquisa em arquivo se faz indispensável e coloca o historiador como aquele que através dos traços deixados pelo passado tenta descobrir como um determinado evento teria acontecido, usando de todas as fontes disponíveis e buscando contar a história até mesmo daqueles que ficam a sombra e a margem dos que detém poder. O horizonte da coleta de dados se amplia no meio digital, se antes o historiador tinha que ir até um arquivo físico para ter acesso a documentos, ou caminhar por locais em busca de pessoas a serem entrevistadas usando a história oral e a memória como instrumentos para compor seus trabalhos, ficando limitados pelo espaço, pelo tempo e a necessidade material de preservar e coletar dados.

Com os avanços tecnológicos e a globalização presentes no cotidiano, o historiador se vê com um novo instrumento de pesquisa e novas formas de desenvolver seu trabalho que facilitam seu acesso a fontes, ampliando seus campos de estudo e atuação. Se antes era necessário viajar até um arquivo público ou museu, hoje, muitos possuem o chamado “Arquivo digital” que pode ser acessado pelo pesquisador pelo computador em qualquer lugar, as entrevistas podem ser realizadas por aplicativos assim contornando as limitações do espaço e do tempo; contudo, não se deve esquecer das contribuições que uma visita física ao acervo proporciona, experiências únicas e vivências que contribuem tanto quanto o documento ou arquivo a ser estudado.

O pesquisador tem que saber a procedência de suas fontes, quais são os *sites* e *links* confiáveis a serem explorados, quem está por trás como responsável pela divulgação dos dados a serem usados, uma vez que muitos indivíduos venham a criar espaços de divulgação de dados e compartilhar seus conhecimentos e informações mesmo sem possuir conhecimento ou fundamento teórico sobre, alimentando o perigo das *Fake News* e da partilha de dados equivocados, fato que compõe uma das “problemáticas” da pesquisa em mídias digitais e que tem afetado o cotidiano social alimentando mentiras e propagando ódio.

E mesmo sendo espaço democrático o acesso as redes ainda passa pelas diferenças socioeconômicas e segue como um desafio a ser vencido, aqueles que detém poder ainda possuem maior acesso à informação (a sua criação e propagação) e melhores instrumentos de pesquisa (computadores, sinal de *internet*, qualidade de acesso) . Outra questão é o “saber usar”, muitas pessoas (em especial as mais idosas) tem dificuldade com o uso das tecnologias e mídias quantos não conseguem acessar uma sala de aula digital ou tem dificuldade com os aplicativos de apresentação. Fato é, que a conexão com as fontes se torna mais fácil, porém o historiador

precisa estar conectado e atento, além de ficar em sintonia com aquele que está do outro lado da tela.

Agora as historiografias estão nas mídias, os documentos estão digitalizados, os museus estão nas redes, para fazer uma entrevista pode-se abrir uma chamada de vídeos, para coletar dados basta usar uma ferramenta de pesquisa de confiança. Nossas pesquisas estão nas mídias, com acesso amplo e ilimitado, assim o historiador se vê ao mesmo tempo ainda com seu ofício de pesquisa em arquivo (indispensável) e trato das fontes, porém com novos formatos de arquivos, novas fontes e instrumentos para realizar seu trabalho e desempenhar seu papel de narrador e “investigador” dos fatos dentro das ciências humanas.

Análises e resultados

Noiret (2015) a chamada “revolução digital” traz mudanças na forma de fazer e pensar a história, com forte impacto nas narrativas do passado, assim o historiador vê seu ofício e seus métodos alterados pelas novas formas de obter fontes de pesquisa e de encontrar narrativas; todo trabalho agora passa pelas telas dos computadores, desde os cronogramas para aulas, acesso e gestão de documentos, comunicação com as partes pesquisadas e envolvidas na pesquisa e até mesmo delimitação de hipótese e resultados obtidos. Outro ponto importante são as barreiras quebradas dentro do contexto das histórias públicas, agora com a história nos meios digitais seu acesso não se dá apenas por historiadores (muitas vezes para acesso a arquivos físicos é necessário ser um pesquisador e comprovar seu intuito de pesquisa), mas nas redes basta ter acesso a *internet* e todo cidadão comum pode acessar documentos públicos e arquivos.

Com o surgimento da *web 2.0*, a história e a memória não se mantiveram mais prerrogativas apenas da comunidade científica acadêmica. Por intermédio das práticas de escrita participativa ou mesmo diretamente, qualquer pessoa pode se dedicar ao passado em rede. O recurso a uma espécie de saber comunitário, à participação pública na rede, que vem sendo comumente chamada *crowdsourcing*,²⁶ sob várias formas e com diversos tipos de conteúdo, trabalho colaborativo e saberes, permitiu a gestão integrada dos conteúdos digitais por parte de quem tenha a possibilidade e o conhecimento para assim proceder (NOIRET 2015, p. 35).

O historiador passa a ter nas mídias digitais uma nova forma de pensar e desenvolver seus ofícios, assim como de apresentar seu trabalho a sociedade; Noiret (2015) ainda ressalta importantes pontos sobre esta temática, descrevendo que a falta de conhecimento real sobre

está nova perspectiva de pesquisa levam o historiador muitas vezes a encontrar dificuldade em fazer uso desses espaços digitais e até de identificar fontes confiáveis e de filtrar dados; podendo levar a uma problemática, a falta de distanciamento e atenção crítica nas narrativas historiográficas.

Com isso, o presente contínuo nas redes vai nivelando os tempos históricos pela atualidade, para garantir o distanciamento necessário, auxiliando nos processos de mediação, filtragem e conexão com os arquivos digitais, surgem os “historiadores públicos digitais”; uma vez que a história pública está cada dia mais visível e abrange novos espaços rapidamente por meio das mídias digitais, necessitando de maior atenção e de novas ferramentas para trabalhar seus dados.

Cito como exemplo a Prefeitura do Município de São José dos Campos, primeira cidade a receber o certificado de “Cidade Inteligente” ABNT (segundo dados e matérias disponíveis no *site* da própria prefeitura) e que possui forte identidade inovadora, tecnológica e progressista, de forma que seus espaços e cotidiano se vem marcados pelo digital e pelas evoluções tecnológicas.

Não sendo diferente com sua história, a prefeitura possui um acervo vinculado a câmara municipal e a uma universidade local, o acervo do Pró Memória conta a história da cidade por meio de documentos e realiza um trabalho de digitalização de documentações para, por meio da tecnologia, preservar dados sobre o município e documentos que contam sua história; acessando o *site* Pró Memória, o pesquisador encontra fotos, jornais, artigos, revistas, livros, documentos, fotos que contam a história local.

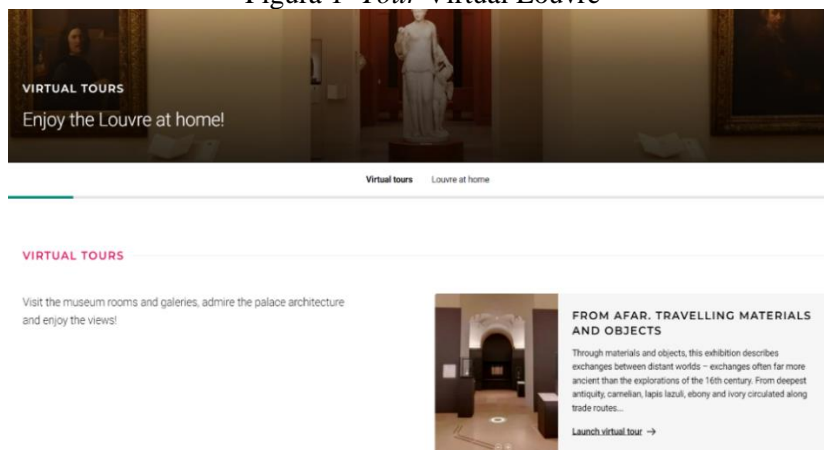
Ainda sobre São José dos Campos, outro *site* também se dedica a preservar e contar a história local, o *blog* São José Antigamente foi fundado e mantido pelo joseense Wagner Ribeiro, que tem por objetivo contar histórias sobre a cidade (locais, empresas, famílias) preservando histórias e memórias por meio de fotos, vídeos e entrevistas cedidas por outros moradores da cidade.

Ambas das mídias digitais citadas servem a uma mesma finalidade, auxiliar na preservação de dados, de memórias e de fontes auxiliando e facilitando o trabalho acadêmico e as pesquisas historiográficas; contudo se faz interessante mostrar o espaço que os municípios ganham nas redes sociais para contar histórias com base em suas memórias e pontos de vista.

Alguns museus possuem além do acervo físico o acervo digital, em 2020 quando o mundo se viu assolado pela pandemia viral do SARS- COV-2 (popularmente chamado COVID-

19), a sociedade se viu obrigada a adotar o isolamento social como medida de emergência e saúde; durante este período diversas manifestações culturais passaram a acontecer no meio digital e muitos museus adotam o “*Tour Virtual*” por seus acervos, inclusive o museu do Louvre (localizado na França, um dos mais famosos e importantes do mundo), figura 1.

Figura 1- *Tour Virtual Louvre*



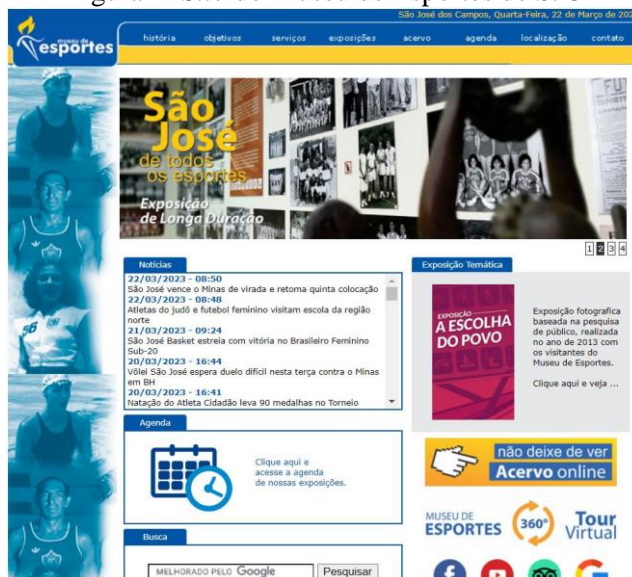
Fonte: *print* página do *site* do Louvre, 2023².

Mesmo após o fim do isolamento social muitos decidiram manter os espaços virtuais como possibilidade de ampliar o acesso a seus acervos mesmo de forma remota, permitindo a pessoas de diversas partes do mundo conhecê-los sem viajar. Em SJC um de seus museus também adota o acervo virtual, possuindo acesso ao calendário de exposições no museu físico, espaço para as escolas agendarem visitas ao museu físico e com um vasto acervo documental digital.

O museu joseense também possui *tour* virtual, permitindo, aqueles que acessam seu *site*, a realizar a visita ao local sem sair de casa, percorrendo seus espaços e visitando a sala de troféus que contam a história do esporte na cidade. Além disso quem acessa o *site* pode realizar pesquisas de fotos, vídeos e documentos de acordo com o ano e modalidade de interesse (figura 2 mostra a página inicial do Museu do Esporte de São José dos Campos).

² Disponível em: <<https://www.louvre.fr/en/online-tours#virtual-tours>> acesso em 13/06/2023 as 17:20

Figura 2- Site do Museu de Esportes de SJC



Fonte: *print site* do museu, reprodução da autora, 2023 ³.

Ainda em São José dos Campos encontramos exemplos que misturam o físico e o digital, usando dos dois meios como forma de preservação e propagação cultural e histórica como o Parque Vicentina Aranha, que, como parte de seu projeto de restauro local colocou totens a frente de seus prédios onde, além de ler um breve trecho explicando sobre o local, também é possível realizar a leitura do *QR Code* presente no totem para maiores informações (figura 3). Através do código QR o visitante é levado a página do parque, para conhecer mais de sua história, pode participar como doador em seu projeto de restauro e saber as programações de eventos que ocorrem no parque ao longo dos meses (para facilitar o acesso o parque ainda oferta pontos de *WI-Fi* com rede aberta ao público).

³ Disponível em: <<http://www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br/>> acesso em 27/03/2023 as 21:10

Figura 3- Físico e digital na historiografia



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2022.

O parque possui prédios que remontam a seu período como sanatório (durante as décadas de 1920 até meados de 1950, o território joseense foi área sanatorial destinada a receber tuberculosos e suas famílias que buscavam no ar puro e repouso a cura para a doença); tais prédios foram tombados como Patrimônio Histórico pelo COMPHAC (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico e Cultural do Município de São José dos Campos) e pelo CONDEPHAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico). Em visita ao parque muitos visitantes podem não conhecer este passado e dessa forma, com as placas, as áreas abertas à visitação e o acesso digital a arquivos e dados históricos muitos passam a conhecer e olhar para o local de novas formas.

Unindo o físico ao digital museus e acervos podem ampliar suas áreas e acessos e até aumentar a segurança de seus acervos, uma vez que estes passam a estar preservados também em âmbito digital, como vimos em anos recentes muitos locais de preservação sofreram com incêndios e desastres que vieram a destruir seus acervos.

Mesmo perdendo obras físicas de valor simbólico imensurável, traz certo consolo saber que ao menos suas imagens ainda podem existir em um meio digital e que as mesmas não serão esquecidas. No caso dos documentos, mesmo que venha a se perder os elementos físicos que tem toda uma história em si, pelo menos seu conteúdo digitalizado preserva a história e a memória que cercam sua essência, permitindo ainda pesquisas sobre eles.

Os acervos digitais foram importantes aliados para os pesquisadores durante a já referida pandemia que levou ao isolamento social no ano de 2020, 2021 e até mesmo 2022; posso citar como exemplo prático minhas pesquisas para dissertação de mestrado, estava no último ano de meu curso em Planejamento Urbano e Regional, trabalhando com a cidade de Aparecida (interior de SP). Como moro em São José dos Campos me vi impedida de ir até a cidade que servia de base para meu trabalho, não podia visitar seu acervo físico de documentos, nem realizar visitas de campo para análise do cotidiano e do planejamento urbano local, entrevistas e fotos.

Precisei contar com os meios digitais para poder dar segmento a pesquisa já iniciada, contei com apoio dos profissionais da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Aparecida, local que abriga não somente documentos e certidões da igreja católica local, mas também documentos referentes a cidade de Aparecida e até de Guaratinguetá (município vizinho do qual Aparecida fez parte). Se antes eu pude ir até lá em visita física, em 2020 precisei enviar um e-mail, e através deste solicitar dados que seriam relevantes, um profissional da cúria escaneou e me enviou em resposta as fotos e documentos que estavam dentro da temática que solicitei.

Também utilizei de ferramentas *online* como o *Google Earth*, que permitem ver as cidades, suas ruas e locais por imagem de satélite, assim consegui criar um roteiro de pesquisa e visitação e quando consegui ir até a cidade otimizei meu tempo nas ruas e fui direto a locais chave para o desenvolvimento do trabalho. Além disso, como também me vi impedida de ir até bibliotecas, utilizei de acervos *online* e de versões em PDF dos livros necessários para compor os debates.

Contudo, mesmo com todo aparato digital senti falta das pesquisas físicas e tive parte do meu trabalho comprometido devido as dificuldades de comunicação via redes digitais (não consegui realizar entrevistas, devido à dificuldade de acesso aos possíveis entrevistados). Destaco como maior diferença a pesquisa de acervo, quando estive na cúria no ano de 2018 (para recolher dados e fontes para o meu Trabalho de Graduação) mesmo enviando uma lista prévia de áreas que gostaria de ter acesso no acervo, quando via algo que chamava atenção apontava ao responsável e conseguia novos acessos, na pesquisa *online* fiquei limitada aquilo que me foi enviado.

Tive a mesma experiência entre acervo físico e digital com minhas pesquisas em São José dos Campos, mesmo possuindo um acervo *online* do Pró Memória, fiz questão de ir até o Arquivo Público local (figura 4); minha escolha partiu de dois fatores: primeiramente o arquivo

físico possui maior acervo (muitos documentos ainda não foram digitalizados e colocados à disposição no *site*) e a qualidade de alguns dos documentos digitalizados não me permitia uma boa leitura ou uso em pesquisa, por estes motivos preferi realizar além da pesquisa online uma pesquisa no acervo físico para obter melhores dados e ampliar o acesso a dados que poderiam servir de fonte historiográfica.

Figura 4- Pesquisa em acervo físico em São José dos Campos



Fonte: acervo de pesquisa da autora, 2023.

Tal exemplo pessoal mostra a importância de, por mais que as mídias facilitem nossos acessos, a visita aos locais e a proximidade com o objeto de pesquisa ainda constituem importante papel dentro das pesquisas. Os acervos digitais ainda encontram barreiras, como a falta de material específico para digitalização, falta de cuidado com os acervos físicos para que estes possam ser disponibilizados no meio digital, a dificuldade que muitos profissionais da área têm com os meios digitais e, portanto, para trabalhar com os mesmos e a falta de cursos voltados a essa área.

Mas pode-se destacar também que as mídias digitais abrem novas portas e são excelentes fontes aliadas, levando a maior proximidade com camadas populares que tem um espaço para contar, preservar e compartilhar suas histórias (descentralizando o poder da informação e da preservação dos dados), facilitando o acesso a registros e documentos (quando estes se encontram em bom estado de digitalização), maior facilidade de acesso para pesquisadores que estão longe de seu foco de pesquisa, permitindo que acessem acervos de outras cidades, estados até países sem sair de casa. Para além dos acervos oficiais de cidades e

estados existem também acervos pessoais, muitas vezes não abertos para visitação, mas disponibilizados em *sites* ou redes sociais.

Mas acima de tudo, o papel dos acervos e das mídias digitais segue sendo o de contribuir com a preservação da história e das memórias; levando a novas formas de pensar e fazer pesquisas. Halbwachs (2006) destaca em sua obra a importância das memórias coletivas, destacando os diferentes âmbitos onde elas se formam na sociedade e como influenciam no desenvolvimento social e individual humano; o autor fala das relações de memória e história, tempo e espaço, relacionando as lembranças a lugares, reforçando muitas vezes a presença física e o local como ponto de partida para despertar memórias e preservá-las.

Partindo do princípio de Halbwachs (2006), de que um grupo pode desenvolver lembranças diferentes de um mesmo acontecimento, porém não perder a essência do que ocorreu e de que as memórias estão mais relacionadas ao grupo e não ao local físico, pode-se dizer que memórias são “construídas” no ambiente virtual. Uma vez que grupos se relacionam e criam vínculos de amizade, amor, romance, diversão e até compartilhando saberes e culturas em aplicativos que permitem esses diálogos em grupo, chamadas de vídeos, *chats* de conversa e até interações em comentários e compartilhamento de registros de momentos (fotos, vídeos). LE GOFF (2013) divide a memória coletiva dentro de um contexto histórico em cinco períodos: transmissão oral, transmissão escrita com tábuas ou índices, fichas simples, mecanografia e seriação eletrônica; demonstrando que o progresso chega também à forma de se compreender, estudar e preservar memórias coletivas.

Rondelli e Herschmann (2000) colocam os meios de comunicação de massa como “ambientes” que formam memórias e até mesmo envolvem as identidades, os autores trabalham especificamente com o sensacionalismo em relação a morte que ocorre nas mídias, mas levantam pontos interessantes e relevantes a esta pesquisa; como, ao associar as mídias a questão das memórias coletivas, no contexto de seu trabalho os autores dão foco as coberturas jornalísticas sensacionalistas (como as coberturas de funerais, acidentes e reportagens pós morte de famosos).

Contudo, os autores destacam a velocidade informacional, o alcance e o poder da mídia em articular as identidades e consolidar memórias em caráter coletivo, citando um exemplo dos próprios autores a elevação de Ayrton Senna a posição de herói nacional e símbolo de um país; no trecho retirado do artigo fica clara a opinião dos autores sobre a relação mídia (no caso meios de comunicação de massa) e memória:

Parte-se aqui do pressuposto de que os meios de comunicação de massa vêm se consolidando em lugares de memória e articulando identidades regionais, nacionais, transnacionais e outras. No mundo contemporâneo, marcado, por um lado, pelo excesso de informação disponível que pode conduzir ao esquecimento e, por outro, pela multiplicação de formas, espaços e discursos que visam (re)construir a memória, as novas tecnologias e a mídia têm operado como articuladores de novas experiências sociais, contribuindo para a afirmação e a emergência de identidades, alteridades e territorialidades (RONDELLI e HERSCHMANN 2000, p. 03).

Com base nos dados apresentados podemos considerar as mídias locais de formação dessas memórias e de preservação de aspectos históricos. A memória, a história e a historiografia têm agora um novo local de desenvolvimento e preservação, Catroga (2015) apresenta em sua obra estes 3 pilares aqui debatidos; apresentando as mudanças que ocorrem sobre o olhar para as relações de memória e a composição historiográfica, mas colocando-as como similares no ponto em que possuem as mesmas características: seleção, finalismo, presentismo, verossimilhança e representação.

Para Catroga (2015) tanto a memória quanto a historiografia buscam a verdade e não são criações exclusivas da imaginação, assim ambas se relacionam (sendo a historiografia a história da história) enquanto a memória após contada por seu portador passa a ser fonte sob o olhar do historiador e enquanto esse em seus trabalhos de campo trabalha com a memória na história oral, nos relatos e vivências. Em suma, a historiografia também pode funcionar como fonte de memórias e legitimadora de memórias e tradições, pontos que são, segundo o autor, acentuados pela modernidade.

Assim podemos finalizar este debate reconhecendo as mídias digitais como um novo espaço de relações de pesquisa, composição historiográfica e criação/preservação de histórias e memórias; uma nova fonte ainda a ser aprimorada e estudada pelos historiadores; agora o passado, presente e futuro estão inseridos nas redes e o cotidiano social se vê cada dia mais digital e informacional (conectado); contudo entre os desafios que surgem o principal é o de diferenciar as fontes seguras daquelas que estão presas as *fake news* ou são de pouca confiança.

Neste aspecto o historiador deve buscar acervos vinculados a instituições renomadas, ou vinculados a acervos físicos já existentes e estar atento a finalidade de suas pesquisas (uma vez que até as notícias falsas e inventadas podem ser objeto de debates se identificados como tais), mas cabe assim como na pesquisa em acervos físicos, o olhar do historiador não se limite a um único local de fonte.

Em resumo, cabe aos profissionais da história usarem de seu ofício (este não sofre mudanças) para se reinventar e usar de suas novas fontes e instrumentos de pesquisa; estarem em constante formação e aprendizado e aos cursos da área apresentar em seus currículos disciplinas que capacitem o profissional a trabalhar com este tipo de fonte.

Considerações finais

O futuro das pesquisas acadêmicas se vê cada dia mais marcado pelas ferramentas digitais, pelas redes e mídias como propagadoras de informação, preservação de acervos; historiografias são escritas nas redes e o passado agora se preserva no “*online*”. Neste contexto, surgem dúvidas e problemáticas junto as vantagens que promovem uma globalização das pesquisas e das novas fontes de dados. Basta um olhar para as referências deste trabalho para ilustrar a presença das mídias na pesquisa, os *links* de acesso levam a dados e “locais” que ajudaram a compor os debates aqui apresentados.

Le Goff (2013) em sua obra ao falar das relações de memória e história aponta as acelerações que a modernidade traz, e nos leva a refletir quando diz que mesmo com todas as mudanças e a cultura de massas continua com os meios restritos a intelectuais e tecnocratas, ou seja, aqueles que detém poder, informação, acesso seguem sendo aqueles com amplo domínio dos saberes. Ou seja, as mudanças ocorrem, mas em alguns aspectos ainda são lentas e algumas coisas nem chegam a uma grande mudança de fato.

Ao longo do trabalho foram apresentados diferentes aspectos em debate sobre as pesquisas e uso das fontes digitais, contudo, os pesquisadores não devem ignorar o quanto visitas a acervos físicos e aos locais estudados influenciam diretamente na composição da pesquisa, por proporcionar melhor visão do cotidiano local e por abrir um leque maior de oportunidades dentro dos ramos pesquisados (uma vez que o pesquisador estará em contato direto com seus objetos de estudo e inserido em seu meio).

Os estudos e pesquisas de diferentes áreas se veem em uma nova dinâmica, de processos e instrumentos; no contexto dos estudos em história a tecnologia e mídias digitais surgem como advento que auxilia na preservação e no acesso; também alimentam os trabalhos com novos olhares e até relatos que surgem nas redes. Mas tem que se tomar cuidado, para que o uso não se limite ao digital, correndo o risco de afastar o historiador do meio de pesquisa, algo importante para compreensão e observação da sociedade e das culturas locais que, por vezes,

só são perceptíveis quando se está inserido fisicamente no meio estudado; como, por exemplo, ao estudar uma festa tradicional ou o cotidiano de uma cidade.

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Presbiteriana Mackenzie por toda oportunidade e atenção, a minha orientadora Professora Doutora Ingrid Hötte, sempre atenta e ao meu lado e a CAPES. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro- RJ: Editora FGV, 2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo -SP: Edusp, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: breve século XX**. -2ª ed. – São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. - 7ª ed. Revista- Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2013.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.28-51, maio 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3.ed; 1. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. **A mídia e a construção do biográfico o sensacionalismo da morte em cena**. Tempo soc. vol.12 no.1 São Paulo May 2000.

SANTOS. Milton, **Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Links acessado na pesquisa:

<<https://www.sjcantigamente.com.br/>> acesso em 27/03/2023 as 21:00

<<http://www.museudeesportes.sjc.sp.gov.br/>> acesso em 27/03/2023 as 21:10

<<https://arqaparecida.org.br/>> acesso em 27/03/2023 as 21:30

<<https://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/>> acesso em 29/03/2023 as 14:44

<<https://pt-br.facebook.com/>> acesso em 29/03/2023 as 15:20

<<https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2022/marco/16/sao-jose-e-certificada-a-primeira-cidade-inteligente-do-brasil/>> acesso em 30/05/2023 as 10:05

<<https://www.louvre.fr/en/online-tours#virtual-tours>> acesso em 13/06/2023 as 17:20

<<https://www.pqvicentinaaranha.org.br/>> acesso em 13/06/2023 as 17:55

Recebido em: 14 de junho de 2023

Aceito em: 18 de outubro de 2023
